Babilónia Número Especial
pp. 137 - 138

Do silêncio

Como o centro da frase é o silêncio e o centro deste silêncio
é a nascente da frase começo a pensar em tudo de vários modos

Herberto Helder

Uma palavra apenas. A que se busca desde o início. Do mar da Grécia às ruínas de uma palavra esquecida. Estamos na praia e ouvimos. Como Ulisses. É preciso evitar o rumor do mundo. Os marinheiros não queriam a cera nos ouvidos. Mas os deuses impõem essa obrigação para que cheguem a casa sãos e salvos. O silêncio é ainda um lugar ou uma busca. Um desejo urbano. O silêncio é a cesura entre as palavras ou o rosto expressivo do que voluntariamente emudece. Procura-se o silêncio nos livros ou na natureza como se ainda fosse possível uma utopia, ou um lugar sem nome, sem vozes, num ponto entre a vida e a morte. Escrever com palavras brancas mas onde tudo estivesse. É este o desejo de quem escreve, mesmo sobre o silêncio.

O humano, porém, não consegue unir ou desunir a não ser com som, ruído ou grito. Só o espanto é uma palavra invertida. A primeira. Depois fez-se ruído sobre a superfície do mundo. A prosa reconstitui continuamente um silêncio mas é o acontecimento, o som, que torna legível o mundo. E os outros, sobre os quais escrevemos, ou a nossa própria criação, não é mais do que uma extensão antiga, que une passado e presente; um arco ruidoso que prolonga a nossa breve passagem.

Ver é ainda o sentido que resta a esta procura. Ver nos outros, nos silenciados e em nós a dilatação de uma morte anunciada.

Luís-Cláudio Ribeiro

Of silence

Since the center of the sentence is silence and the center of that silence
is the spring of the sentence I begin to think about everything in various ways

Herberto Helder

Merely one word. What one looks for since the beginning, from the Greek sea to the ruins of a forgotten word. We are at the beach and we hear, as did Ulysses. It is necessary to avoid the rumor in the world. The seamen did not want wax in their ears, but the gods imposed that obligation so that they would arrive home safe and sound. Silence is also a place or a quest, an urban desire. Silence is the caesura between words or an expressive face of what is voluntarily speechless. Silence can be found in books or nature, as if a utopia were still possible, or a nameless place without any voices, somewhere between life and death. Writing with white words where everything would be present. This is the desire of those who write, even about silence.

The human being, however, cannot unite or disunite without sound, noise or a scream. Only wonder is an inverted word. The first. Then there was noise upon the face of the world. Prose continuously reconstitutes silence, but it is the event, the sound, that makes the world legible. And the others, those whom we write about, or our own creation, are nothing more than an old extension that unites past and present; a noisy arch that prolongs our brief passage.

Seeing is still a sense that remains and it searches. Seeing the expansion of an announced death in others, the silenced and ourselves.

Translated by Rui Vitorino Azevedo